

MANAUS REVISITADA NAS MEMÓRIAS DE MEUS PAIS

MANAUS REVISED IN MEMORIES OF MY PARENTS

Raquel Souza de Lira **1**
Lourene Nascimento Félix **2**

Resumo: A ideia de rememorar lembranças e descrevê-las por meio do gênero textual memórias literárias surgiu a partir da necessidade de preservar a história do lugar onde os estudantes residem. Esse projeto objetivou desenvolver as habilidades da leitura e da escrita desse gênero em contexto de interação. Assim, a partir das leituras e do contato com os moradores do entorno da escola, os discentes foram instigados a contrapor acontecimentos passados e suas influências no presente por meio da escrita memorialista. Tornando-se possível compreender a realidade social na qual estão inseridos, direcionando-os a uma postura protagonista no processo de ensino-aprendizagem. Esse projeto teve vigência entre julho-dezembro/2017, contemplou cinco estudantes do 9º ano, bolsistas no Programa Ciência na Escola (FAPEAM), os quais socializaram os conhecimentos adquiridos com turmas de 7º e 8º anos na EMEF. Professora Maria Auxiliadora Santos Azevedo, Comunidade João Paulo II, Jorge Teixeira, Manaus/AM.
Palavras-chave: Gênero textual. Memórias literárias. Protagonismo estudantil.

Abstract: The idea of remembering memories and describing them through the textual genre literary memories arose from the need to preserve the history of the place where students reside. This project aimed to develop reading and writing skills of this genre in interaction context. Thus, from the readings and contact with the residents around the school, students were prompted to counteract past events and their influences in the present through memorialist writing. Becoming possible to understand the social reality in which they are inserted, directing them to a protagonist posture in the teaching-learning process. This project was effective between July-December / 2017 and included five 9th grade students, scholarship students in the Science at School Program (FAPEAM), who socialized the knowledge acquired with 7th and 8th grade classes at EMEF. Professora Maria Auxiliadora Santos Azevedo, João Paulo II Community, Jorge Teixeira, Manaus / AM.
Keywords: Textual genre. Literary memories. Student protagonism.

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Letras e Artes **1**
(PPGLA/UEA); Professora na SEMED/Manaus, lotada na EMEF Prof.^a Maria
Auxiliadora Santos Azevedo (DDZ Leste II). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3007834517984270>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3311-8059>.
E-mail: raquelliralettras@gmail.com

Especialista em Metodologia do Ensino para a Educação de Jovens e **2**
Adultos (FAEL/INFOCO). Professora na SEMED/Manaus, lotada na EMEF Prof.^a
Maria Auxiliadora Santos Azevedo (DDZ Leste II) e SEDUC/Amazonas, lotada
na E. E. Professora. Ruth Prestes Gonçalves (CDE 06). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0611628329549798>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6747-0707>.
E-mail: lourenefelix@gmail.com

O ponto de partida

Resgatar memórias por meio de lembranças, daqueles que vivenciaram a realidade de décadas passadas, é importante para mantermos vivas as reminiscências de um tempo não muito distante. A ideia descrevê-las por meio do gênero memorialista, entendido aqui como “(...) a remissão há tempos antigos, desde uma perspectiva contemporânea, e a valorização da singularidade e estética literária” (MARCUSCHI, 2012, p. 52), surgiu a partir da necessidade de preservarmos a história do local onde os estudantes residem, pois, para compreendermos o presente desses lugares é necessário contextualizarmos ações perpetuadas no passado.

Assim, por meio de entrevistas, tais recordações reconstituíram fatos que permanecem tácitos na percepção dos moradores residentes nos bairros do entorno da Escola Municipal Professora Maria Auxiliadora Santos Azevedo, instituição de ensino onde foi desenvolvido o projeto, esta situada na comunidade João Paulo II, Bairro Jorge Teixeira, Manaus/AM.

Partindo de reflexões de práticas de ensino da Língua Portuguesa em contextos de interação com outras linguagens e campos do conhecimento, buscou-se despertar nos discentes a valorização da leitura e da escrita literária a partir de temáticas inseridas no cotidiano da comunidade na qual eles estão inseridos, especialmente dos estudantes bolsistas que participaram desse projeto, intitulado *Manaus revisitada nas memórias de meus pais*, contemplado pelo Programa Ciência na Escola (PCE) em 2017.

O PCE é um programa de alfabetização científica fomentado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) e desenvolvido no âmbito da educação básica em escolas públicas no Amazonas. Anualmente, são aprovados projetos que recebem investimentos por meio de bolsas de iniciação científica tanto para o professor quanto para os estudantes. No formato atual, cada projeto tem vigência de seis meses e contempla um professor coordenador e três cientistas juniores¹.

Em virtude disso, primou-se pela seleção de textos que contemplassem o tema “espaço e memória dos lugares” com o intuito de proporcionar leituras que estimulassem a reflexão e criatividade dos discentes, favorecendo a compreensão do seu papel enquanto sujeitos, assumindo-se como protagonistas do processo educacional. Essas leituras despertaram o imaginário e a criatividade dos discentes, favorecendo o protagonismo estudantil ao longo das investigações e do processo de escrita autoral dos textos memorialistas.

Além disso, as entrevistas realizadas com os pais dos alunos e/ou moradores dos bairros do entorno da escola nortearam as principais discussões no grupo de estudo, possibilitando reflexões a respeito das mazelas sociais visíveis nos bairros periféricos de Manaus e, assim, proporcionaram o suporte temático para as produções textuais dos cientistas juniores.

Logo, o objetivo principal do projeto foi desenvolver as habilidades da leitura e da escrita do gênero textual memórias literárias, por meio de estratégias de ensino-aprendizagem que despertaram a consciência científica dos discentes bolsistas que também atuaram como monitores nas oficinas realizadas com os alunos do 7º, 8º ano do Ensino Fundamental, no turno vespertino. Quanto aos objetivos específicos, buscou-se instigar os estudantes a respeito da importância de valorizar a História de Manaus, por meio da história do bairro onde a EMEF. Profª Maria Auxiliadora S. Azevedo está situada e, por fim, eles compreenderam a estrutura do gênero textual, conforme definido por Bakhtin como “tipos relativamente estáveis de enunciados” (2011, p. 262) para, então, elaborarem textos memorialistas autorais com temáticas regionais cotidianas.

Fragmentos de uma narrativa

Para compreendermos a História de fundação da Comunidade João Paulo II, criado em 1992, é necessário conhecermos a História do Bairro Jorge Teixeira, que abriga essa comunidade. Segundo o Jornal do Commercio (2010), o nome do bairro é uma homenagem ao Coronel Jorge Teixeira por ter sido prefeito da cidade de Manaus entre os anos de 1975 a 1979. Quando ao contexto de criação, é ressaltado que foi criado durante a gestão do prefeito Artur Neto em 1989,

¹ AMAZONAS. Edital Nº 003/2019, Programa Ciência na Escola. Conselho Diretor – Resolução Nº 004/2019. Manaus: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas. Disponível em: <<http://www.fapeam.am.gov.br/editais/edital-n-0032019/>>. Acesso em: 06/12/2019.

conforme veiculado no Jornal do Commercio de 24 de outubro de 2012:

O bairro Jorge Teixeira foi criado pelo então prefeito Artur Virgílio Neto, em 14 de março de 1989, com a distribuição de lotes para pessoas carentes, principalmente do bairro do São José. A ocupação da área onde se instalou o bairro era premente, uma vez que a abertura da avenida Autaz Mirim, na época denominada Grande Circular, passou a ligar a zona leste da cidade à zona norte, criando um corredor viário que se estende do São José à Cidade Nova.

A fundação do Jorge Teixeira teve uma solenidade que contou com a presença de autoridades municipais, lideranças comunitárias e religiosas, sendo rezada a primeira missa no local no dia 25 de março de 1989, pelo frei capuchinho Mário Monacelli, encarregado pela paróquia de São Sebastião.

Localizado geograficamente distante do centro da cidade de Manaus, foi idealizado com dimensão territorial dividida em etapas. De acordo com esse mesmo jornal, o Jorge Teixeira foi construído como um bairro planejado, em virtude das obras executadas no período de expansão urbanística da Zona Leste da cidade de Manaus, com o intuito de atender famílias de baixa poder aquisitivo, pois

O sistema viário principal que vai interligar a terceira etapa à segunda e primeira etapas do bairro modelo 'Jorge Teixeira', continua sendo implantado em ritmo acelerado pela Secretaria Municipal de Obras. (...) A Semob vem executando obras de 10 quilômetros de sistema viário, drenagem e pavimentação no bairro (...) é o primeiro construído no Amazonas com planejamento urbano, com sistema de drenagem, pavimentação completa e loteamento para o assentamento das famílias. (JORNAL DO COMMERCIO, 8 de novembro de 1990, p. 7)

Ao longo dos anos passou a oferecer uma área comercial concentrada, principalmente, na Av. Itaúba com algumas lojas, restaurantes, padarias e, ainda, a Feira do Produtor, esta oferecendo à comunidade uma variedade de produtos agrícolas. Posteriormente, essa área comercial se expandiu para a Av. Brigadeiro Hilário Gurjão, com a inserção de distribuidoras, lojas atacadistas e comércios informais de diversos produtos e segmentos, um centro de compras popularmente conhecido como "Fuxico".

Em virtude desse crescimento comercial e populacional, ao longo de trinta e um anos de existência do bairro, essa expansão agregou aquela que seria a quinta etapa, porém nomeada como Comunidade João Paulo, provavelmente em virtude de sua dimensão e características ocupacionais, conforme trecho citado do Jornal Em Tempo:

O bairro [Jorge Teixeira] é dividido em quatro etapas e possui quatro sub-bairros, são eles: Bairro Novo, Val Paraíso, João Paulo, Santa Inês, Brasileirinho, Monte Sião, Coliseu, Cidade Alta e Nova Floresta. O representante [Sidney Souza] ainda explicou que o principal problema enfrentado pelos moradores da localidade é a infraestrutura. (LANDAZURI, 17 de março de 2018. Grifo nosso.)

A Comunidade João Paulo, diferente do ocorrido nas etapas do bairro Jorge Teixeira, surgiu a partir de ocupações clandestinas realizadas em 1992. Posteriormente, esses lotes foram liberados para cerca de duzentas famílias no dia 16 de janeiro de 1993, pelo então prefeito em exercício: Amazonino Mendes (MANAUS, 2017, p.15). Essa comunidade cresceu, assumindo *status* de sub-bairro. Passando a ser subdividida em duas etapas, nas quais há escolas, hospitais, igrejas, centros comerciais, entre outros espaços.

Foi nesse contexto de crescimento urbanístico que surgiu a Escola Municipal Professora Maria Auxiliadora Santos Azevedo, construída em 1997, inaugurada em 10 de julho de 1998 e instituída por meio do Ato de Criação Lei Nº 452 em 26 de novembro de 1998, durante a gestão do prefeito Alfredo Nascimento, e reformada em 2008 (MANAUS, 2017, p.15). O nome da escola remete à memória da professora que a nomeia, [...] nascida em Manaus em 24 de maio de 1957, filha de Marlene Santos de Azevedo e Francisco Candido de Azevedo. Iniciou seus estudos na Escola Estadual Ribeiro da Cunha cursando até a 4ª série. Posteriormente, realizou seus estudos de 5ª a 8ª série na Escola Nossa Senhora Aparecida concluindo o Magistério no Instituto de Educação do Amazonas - IEA. Dorinha, como era conhecida por todos, trabalhou inicialmente na “Oana Publicidade” onde percebeu que sua aptidão era para o magistério. Começou a lecionar em 1983, inicialmente para ajudar no orçamento familiar, mas se identificou com a profissão e assim resolveu dedicar-se a carreira do magistério. Lecionou na Escola Estadual Carlos Gomes a disciplina Língua Portuguesa e atuou como Gestora. Devido, sua dedicação e entusiasmo a escola ganhou o primeiro lugar em Concurso Cultural promovido pela Secretaria Municipal de Educação. (...) um passeio para o Município de Presidente Figueiredo. Ao retornar do passeio, o carro que a conduzia sofreu um acidente ocasionando a sua morte em 02 de outubro de 1997. (MANAUS, 2017, p. 16)

Situada à Rua Hortelã, s/n, Comunidade João Paulo II, Bairro Jorge Teixeira. Essa escola possui um portão principal de recepção dos alunos e dos comunitários e outro, pela Rua Cravinho, de acesso restrito aos funcionários. Quanto à estrutura, há três pavilhões compostos de um hall de entrada; onze salas de aula; biblioteca; secretaria; diretoria; sala da pedagogia; sala dos professores; sala de reforço escolar; laboratório de informática (Telecentro); cozinha; refeitório e banheiros. A escola é administrada pelo gestor Gilson Pereira Ângelo, que desempenha essa função há nove anos.

Nos primeiros anos de funcionamento a escola ofertou vagas de Ensino Fundamental, nas séries iniciais e finais (matutino e vespertino), e Educação de Jovens e Adultos – EJA (noturno). Posteriormente, passou a funcionar somente durante o dia, disponibilizando vagas do 1º ao 9º ano. Atualmente, em decorrência de mudanças organizacionais na Secretaria Municipal de Educação (SEMED/Manaus), a partir do ano 2017 passou a atender apenas à demanda de alunos do 6º ao 9º ano, nos dois turnos. Prezando sempre pela valorização da comunidade e respeito ao próximo, além da educação de qualidade, conforme descrito na apresentação do Projeto Político Pedagógico (PPP), idealizado com base em “(...) uma análise da realidade local e suas influências no contexto escolar, servindo como suporte estratégico para definições que favoreça o combate à exclusão proporcionando aos educandos o acesso aos bens culturais necessários a sua formação integral” (MANAUS, 2017, p. 6).

Logo, o projeto *Manaus revistada nas memórias de meus pais* (2017) se insere nesse contexto educacional, nas aulas de Língua Portuguesa na EMEF. Profª Maria Auxiliadora S. Azevedo, com o intuito de repensar esse espaço comunitário como significativo para significar a escrita das memórias do *outro* que reverberam as de *si* no diálogo com as vivências e experiências de cada um dos estudantes envolvidos direta ou indiretamente nesta pesquisa.

Nas trilhas da memória

Esse projeto teve vigência de seis meses, entre julho-dezembro/2017 e contemplou cinco cientistas juniores², Ariane Lopes Vital; Crislane Cruz da Silva; João Vitor Branche Miranda; Lucas

Cardoso Duarte; Suellen Cristina Lobato Rodrigues, estudantes do 9º ano do turno matutino, que também atuaram como monitores em oficinas literárias realizadas com turmas de 7º e 8º ano do turno vespertino na EMEF. Professora Maria Auxiliadora S. Azevedo, socializando os conhecimentos adquiridos ao longo desta pesquisa.

Quanto ao cronograma, pesquisas bibliográficas foram realizadas em bibliotecas e em meios digitais. Em seguida, rodas de leituras e socializações dos materiais pesquisados por cada um dos bolsistas. Posteriormente, buscou-se compreender a estrutura do gênero textual memórias literárias. Por fim, os discentes elaboraram textos memorialistas e socializaram suas produções autorais na escola e em eventos científicos, a saber: I Festival de Invenção e Criatividade, evento realizado na I Semana de Arte, Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM); I Mostra de Projetos da EMEF. Profª Maria Auxiliadora Santos Azevedo e na III Socialização de Práticas Formativas – Tecendo Diálogos: Formação continuada e experiências didáticas (DDPM/SEMED).

Figura 1. Cientistas juniores na III Socialização de Práticas Formativas – DDPM/SEMED.



Fonte: LIRA, (2017).

Esse projeto compreendeu interpretações de diversos gêneros textuais com temáticas amazônicas, entrevistas com moradores da comunidade no entorno da EMEF. Profª Maria Auxiliadora Santos Azevedo e análise dos relatos das pessoas entrevistadas para elaboração de textos memorialistas autorais. Nesse viés, os textos selecionados para as leituras contemplaram temáticas que entrelaçam o cotidiano da comunidade onde os estudantes residem, ressaltando as experiências de vida deles.

Dentre os quais citamos a primeira e segunda edição da obra *Memórias Literárias: viagens e prazeres pela leitura literária*³, leituras que nos proporcionaram uma roda de conversa com alguns autores da primeira edição, um encontro realizado na Universidade do Estado do Amazonas com a escritora e organizadora do livro, professora Dra. Maria Evany do Nascimento, e os autores Anne Ribeiro, Luan Santos, Luísa Vasconcelos, Mariana Cardoso, Rafael Amoêdo, entre outros. Neste evento os cientistas juniores socializaram suas produções e compartilharam experiências literárias a respeito das impressões e estranhamentos acerca dos textos lidos. Ao final do encontro, todos foram presenteados com a primeira edição do livro *Manaus em Poesia*⁴, que também fez parte do acervo de leituras no grupo de pesquisa.

Outros textos analisados durante a vigência do projeto foram: *Estádios novos, miséria antiga*⁵; *O Valetão que engolia meninos e outras histórias de pajé*⁶; *Minha rua: o presente e a memória*⁷ e *Saudade quase sem memória*⁸. Inspirados nessas leituras, os cientistas juniores elaboraram textos memorialistas a respeito da rua onde vivem e textos memorialistas gerados a partir da memória afetiva de objetos antigos que possuem em casa. Conforme trechos dos textos de Crislane Cruz da

br/editais/edital-no-0012017-pce/>. Acesso em: 11/03/2017.

3 As obras foram organizadas por **Maria Evany do Nascimento**.

4 Idem.

5 A crônica é de autoria de **Milton Assi Hatoum**.

6 O texto é de autoria de **Kelli Carolina Bassani**.

7 O texto é de autoria de **Carla Aires**.

8 A crônica é de autoria de **Milton Assi Hatoum**.

Silva e Lucas Cardoso Duarte, respectivamente.

A bailarina

(...) não entendia porque a bailarina era uma boneca e uma caneta, mas ninguém brincava ou escrevia com ela.

Ela simplesmente ficava lá dentro de sua embalagem, mas eu não podia nem chegar perto dela.

9 anos se passaram e lá estava eu olhando a boneca de novo, só que agora foi diferente, minha avó não estava por perto para me impedir. (aluna do 9º ano, estudante bolsista no projeto, 2017)

Um relógio para recordar

(...) Quando foi comprado e chegou em casa, fiquei inquieto (...) arregalei meus olhos, ouvidos atentos e então o primeiro “tic-tac” (...) 6:10h, até aí tudo bem novamente e ao voltar ele marcava a mesma hora (...) horário em que eu nasci no dia 29/04/2003 foi o mesmo horário em que o relógio parou, 6:10h, então eu pude perceber que tínhamos uma forte conexão e jamais será esquecido. (aluno do 9º ano, estudante bolsista no projeto, 2017)

Na fase seguinte, com base em um roteiro de perguntas, os discentes entrevistaram seus pais, familiares ou moradores do bairro com o intuito de compreenderem a realidade social e cultural da Comunidade João Paulo II, tendo em vista que, em virtude do bairro situar-se em uma zona periférica da cidade de Manaus, é estigmatizado no imaginário urbano como uma “zona vermelha” ou “lugar perigoso”, o que é notório no relato de Sidney Souza (Presidente da Associação dos Moradores da terceira etapa do Jorge Teixeira) publicado no Jornal Em Tempo:

As pessoas falam muito do Jorge Teixeira, mas não saem daqui. Sabemos que a insegurança existe em toda a cidade, mas temos muito a contribuir. Há muitas pessoas boas no bairro. Infelizmente, os moradores são discriminados só pelo fato de viverem no bairro. Porém, aqui existem pessoas solidárias, hospitaleiras, artistas, cantores e pessoas de qualidades incríveis. (SOUZA apud LANDAZURI, 17 de março de 2018).

Esse discurso coaduna-se às ideias propostas por Bourdieu (1992), porque ele classifica esse sentimento de pertencimento e permanência em um local, mesmo sendo este semelhante a si ou diferente de si, de *Habitus*, fato observado no cotidiano desses moradores, pois apesar de todas as adversidades estruturais ou imagéticas muitos deles permanecem na comunidade e, ainda, tentam de forma viável melhorar a imagem do bairro.

Nesse sentido, os relatos dos moradores entrevistados durante o período de vigência do projeto possibilitaram reflexões sobre essa realidade, estimulando a escrita de textos memorialistas sobre a rua onde os estudantes moram, notório no texto de Ariane Lopes Vital:

Memória de minha rua

Em 2016 me mudei para o Jorge Teixeira, Zona Leste, onde moro até hoje, (...) a rua ficou muito perigosa, estava tendo muito assalto e tiroteio. Agora paramos de brincar, vivemos a

maior parte do tempo em casa, brincando de quem fica mais tempo em uma prisão. (aluna do 9º ano, estudante bolsista no projeto, 2017)

Nas fases de desenvolvimento, os bolsistas foram direcionados a refletirem sobre o uso da Língua Portuguesa em situações de interação. Desta forma, nos encontros do grupo de estudo, realizamos rodas de conversa, pesquisas sobre as origens da Comunidade João Paulo II e do Bairro Jorge Teixeira, discussões temáticas sobre os textos selecionados, interpretações dos relatos dos entrevistados e, por fim, elaborações de textos do gênero memórias literárias.

Ademais, realizou-se a oficina *De volta às origens: reproduzindo memórias*, na qual os cientistas juniores apresentaram fotos de Manaus aos estudantes das turmas 7º F, 8º (D e E), leram o texto *Minha rua: o presente e a memória*⁹ e dialogaram sobre experiências vividas em épocas passadas, quer sejam a partir de uma memória coletiva, assumida por eles a partir de relatos e conversas que tiveram com os pais durante a infância/adolescência, ou por suas próprias experiências rememoradas durante essa oficina, tendo em vista que

[...] não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda. É ao espaço, ao nosso espaço – o espaço que ocupamos, por onde passamos muitas vezes, a que sempre temos acesso e que, de qualquer maneira, nossa imaginação ou nosso pensamento a cada instante é capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção, é nele que nosso pensamento tem de se fixar para que essa ou aquela categoria de lembrança reapareça. (HALBWACHS, 2006, p. 170)

Nessa ótica, compreendemos a memória coletiva como aquela que se aglutina à memória daqueles que vivenciam outras épocas por meio de relatos e experiências de terceiros sobre algum ponto em comum, nesse caso, principalmente, o lugar de habitação. Assim, com base nessas memórias, o gênero memorialista foi proposto nesse projeto, porque “(...) o imaginário do narrador atua sobre as memórias recolhidas transformando-as.” (ALTENFELDER; CLARA, 2017, s/p)

Nesse viés, os alunos escreveram seus relatos memorialistas sobre a relação afetiva que possuem com a rua onde fixaram suas residências, o que mudou ou não estruturalmente ao longo dos anos, ou acerca de suas experiências de conhecerem um patrimônio cultural da cidade. Por fim, os estudantes e cientistas juniores realizaram uma roda de leitura dos textos autorais produzidos durante a oficina de produção literária, percebendo algumas semelhanças ou diferenças na contraposição dos textos autorais.

Figura 2. Oficina de produção textual memorialista com os cientistas juniores.



Fonte: LIRA (2017)

As influências do caminho percorrido

As leituras dos textos memorialistas despertaram a criatividade dos cientistas juniores, fomentando significativamente tanto a leitura quanto a escrita de textos memorialistas a partir de temáticas cotidianas.

Essa prática de interlocução e interação com os moradores e com os estudantes de outras turmas proporcionou aos membros do projeto ganhos significativos no tocante à organização das ideias de forma crítica, na compreensão das relações sociais desenvolvidas no passado e seus reflexos no presente, coadunando-se com os ideais propostos nas normativas da Base Nacional Comum Curricular:

As atividades humanas realizam-se nas práticas sociais, mediadas por diferentes linguagens: verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e, contemporaneamente, digital. Por meio dessas práticas, as pessoas interagem consigo mesmas e com os outros, constituindo-se como sujeitos sociais. Nessas interações, estão imbricados conhecimentos, atitudes e valores culturais, morais e éticos. (BRASIL, 2017, p. 63)

Ao longo do período de vigência do projeto (jul-dez/2017) os discentes ampliaram os repertórios socioculturais por meio do resgate histórico das memórias de épocas passadas, a partir das leituras, análises e produções textuais memorialistas realizadas no grupo de pesquisa, conforme relata o cientista júnior Lucas Cardoso Duarte:

[...] quando eu comecei a escrever os textos eles não ficavam tão bons, mas agora estão ficando ótimos, até eu me impressiono, criei os textos: *Memórias de minha vida*; *Minha rua minha vida*; *Ah, se o tempo voltasse atrás*; *Um relógio para recordar*; além dos relatos de experiência sobre os eventos que participei” (aluno do 9º ano, estudante bolsista no projeto, 2017)

Ademais, as entrevistas com moradores das comunidades próximas da escola corroboraram para a compreensão dos usos contextuais da língua materna, visto que “A escuta, ao vivo ou gravada, de autoria dos alunos ou não, é relevante para o processo de aprendizagem, pois as gravações conferem à análise um verdadeiro entendimento da relação fala-escrita” (CYRANKA; MAGALHÃES, 2012, p. 61),

Quanto à visita técnica realizada à Universidade do Estado do Amazonas (UEA) os discentes ficaram encantados com o espaço acadêmico e a receptividade dos escritores, porque ouviram comentários e sugestões a respeito dos seus textos autorais. Essa troca de experiência entre autores e aprendizes foi riquíssima, motivando-os ainda mais à escrita de textos literários.

Ressaltamos que as participações dos cientistas juniores nos eventos científicos para exposição do banner e a comunicação do projeto ocorrida no hall da escola ampliaram o pensamento crítico dos bolsistas acerca da importância da socialização dos resultados de uma pesquisa e, em especial, desse projeto, porque pode ser aplicado em outras escolas, incentivando a valorização da cultura regional. O que é notório no fragmento do relato de experiência da cientista júnior Suellen Cristina Lobato Rodrigues:

[...] fomos visitar a faculdade que se chama UFAM, apresentamos o nosso projeto da escola Maria Auxiliadora, não era só nossa escola que estava lá, mas os projetos de outras escolas. (...) apresentamos o nosso projeto para os alunos da faculdade e também para outras pessoas que estavam visitando” (aluna do 9º ano, estudante bolsista no projeto, 2017)

A respeito das oficinas realizadas nas turmas de 7º e 8º anos, os cientistas juniores mostraram desenvoltura e domínio do conteúdo temático, pois a partir de seus relatos sobre as experiências durante a participação no projeto e escrita dos textos memorialistas eles motivaram os demais estudantes, participantes das oficinas, à escrita de suas próprias narrativas. Durante essa mediação literária, os alunos foram receptivos, questionaram, rememoraram experiências de tempos passadas e tiveram liberdade para compartilhar as produções textuais autorais elaboradas no decorrer dessa atividade.

Figura 3. Comunicação, I Mostra de Projetos da Escola Profª Maria Auxiliadora S. Azevedo.



Fonte: LIRA (2017)

Diante do exposto, os discentes compreenderam a importância de seu protagonismo estudantil ao participarem ativamente do processo de ensino-aprendizagem de forma autônoma e autoral. Ressaltaram a valorização da cultura local e, além disso, apropriaram-se da escrita como forma de materialização de suas narrativas. Além disso, sensibilizaram-se da necessidade de fomentar esse pensamento científico e crítico no ambiente educacional.

A chegada e as novas possibilidades de partida...

Considerações Finais

O projeto *Manaus revisitada nas memórias de meus pais* proporcionou momentos de reflexões a respeito das experiências de vida dos alunos e dos moradores dos bairros do entorno da escola Profª Maria Auxiliadora Santos Azevedo, ampliou a visão crítica dos discentes acerca da realidade da comunidade João Paulo II, corroborando a compreensão da expansão e atual configuração da cidade de Manaus.

Em virtude disso, essa investigação ampliou os conhecimentos dos estudantes e, ainda, acrescentou tantos outros ao longo das leituras, discussões temáticas e produções textuais memorialistas. Assim, oportunizou o desenvolvimento de competências discursivas e socioemocionais.

O público-alvo desse projeto foram alunos das turmas de 7º, 8º e 9º anos, para atender

uma das demandas de ensino da disciplina de Língua Portuguesa, conforme Proposta Curricular da Secretaria Municipal de Educação (MANAUS, 2016). Porém, este trabalho pode ser desenvolvido em qualquer turma, tanto nos anos finais do Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio, em instituições públicas e particulares, pois é um projeto flexível à realidade dos estudantes.

Referências

ALTENFELDER, Anna Helena; CLARA, Regina Andrade. **O gênero memórias literárias**. Disponível em: <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/artigos/artigo/1339/o-genero-memorias-literarias>>. Acesso em: 19/04/2017.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In:-----, **Estética da criação verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; trad. do russo Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BOURDIEU, Pierre Félix. **O Poder Simbólico**, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1992.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Comum Curricular (Linguagens: Ensino Fundamental)**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>>. Acesso em: 17/12/2017.

CYRANKA, Lúcia Furtado de Mendonça; MAGALHÃES, Tânia Guedes. **O trabalho com a oralidade/ variedades linguísticas no ensino de Língua Portuguesa**. Revista Veredas, v. 16, n. 1, 2012. UFJF, 2012. Disponível em: <https://veredas.ufjf.emnuvens.com.br/veredas/article/view/172>. Acesso em: 03/04/2017.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HOMENAGEM ao velho coronel. Coluna Bairros: Jorge Teixeira. **Jornal do Comercio**, edição especial Manaus 341 anos, versão digital, 2010. Acervo Intercidade (ENS/UEA).

LANDAZURI, Daniel. **Jorge Teixeira supera adversidades e comemora 29 anos de criação**. Jornal Em Tempo, Manaus, 17 mar. 2018, s/p. Disponível em: <<https://d.emtempo.com.br/amazonas/97777/jorge-teixeira-supera-adversidades-e-comemora-29-anos-de-criacao>>. Acesso em: 07/12/2019.

MANAUS. **Projeto Político Pedagógico**: Escola Municipal Professora Maria Auxiliadora Santos Azevedo. Secretaria Municipal de Educação – SEMED. Manaus/Amazonas, 2017.

MANAUS, Secretaria Municipal de Educação. **Proposta Curricular do Ensino Fundamental dos anos finais (6º ao 9º ano): Língua Portuguesa**. SEC. Manaus, 2016.

MUITA gente e poucas opções de lazer. Coluna Bairros: Jorge Teixeira. **Jornal do Comercio**, Manaus, 24 out. 2012. Edição Especial Manaus 343 anos, versão digital, s/p. Acervo Intercidade (ENS/UEA).

OBRAS aceleradas no bairro modelo. Jornal do Comercio, Manaus 08 nov. 1990, edição 35336(1), versão fac-similada, p.7. **BNDigital**. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=170054_02&PagFis=42098&Pesq=Jorge%20Teixeira>. Acesso em: 07/12/2019.

Recebido em 8 de dezembro de 2019.

Aceito em 23 de março de 2020.